

magazine

Edição n.º 6 | Julho 2024

Encarte comercial da responsabilidade da Modernográfica - Indústria Gráfica, Lda. Não pode ser vendido separadamente. Distribuição gratuita o fim de semana

PREVENÇÃO E SUPRESSÃO DE INCÊNDIOS

ENSINO E FORMAÇÃO 2024/25

“Original e Autêntico”
Proteger o Património Natural
de Castanheira de Pera

Editorial

Sempre que me deparo com uma árvore centenária, nunca deixo de me comover. O tempo destas nossas amigas “eternas” tem uma cadência muito diferente da nossa. E uma floresta é mais do que um conjunto de árvores, é um ecossistema interligado, que funciona em conjunto numa perfeição só alcançável pela Natureza.

Todos sabemos que Portugal tem na sua floresta um património inestimável. É assim com quase todos os países com condições climáticas favoráveis. Os pulmões do planeta não são só as selvas tropicais e toda a gente deveria preocupar-se em plantar árvores e plantas nos seus espaços, ainda que exíguos. Basta pensar naquela sensação de frescura que sentimos, quando circulamos numa cidade e nos deparamos com uma varanda cheia de plantas - até parece que respiramos melhor.

Mas se “uma árvore não faz a floresta”, o que é então uma floresta? Sim, seguramente um terreno com muitas árvores, mas quantas? Socorro-me então do sistema de classificação criado pela Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) que define uma floresta como um terreno “com coberto arbóreo superior a 10 % e uma superfície superior a 0,5 hectares.” Para quem não consiga visualizar facilmente as dimensões de meio hectare, podemos dizer que é sensivelmente meio campo de futebol - comparação muito utilizada no jornalismo nacional.

Certo é que a nossa floresta mudou muito ao longo das últimas décadas. A percentagem de carvalhos, castanheiros e sobreiros, assim como de outras espécies autóctones foram dando lugar a cada vez mais eucaliptais. Mesmo o pinheiro-bravo, cuja plantação começou a expandir-se grandemente na idade média, tem vindo a recuar.

Os eucaliptos crescem muito mais rapidamente, dando um rendimento aos seus proprietários em tempo de vida, que seria impensável em árvores centenárias de crescimento lento. E sabemos que a maior parte da floresta portuguesa é privada, o que dificulta políticas nacionais de incentivo a outro tipo de espécies. No entanto, quando vemos tantos espaços urbanos, da competência das autarquias, a serem despojados de qualquer árvore, perguntamo-nos se o país seria realmente diferente se a floresta fosse “nacionalizada”.

O bom exemplo que temos remete-nos para o Parque Nacional da Peneda-Gerês, a primeira área protegida criada em Portugal, a única com o estatuto de Parque Nacional. Este é um dos últimos redutos do país onde podemos encontrar ecossistemas no seu estado natural, com influência humana reduzida e controlada.

Dito tudo isto, e partindo do princípio de que a preservação da nossa biodiversidade é um tema consensual, só podemos acreditar que este tema seja uma prioridade para o país, independentemente de quem o lidera, nos vários ciclos legislativos.

Índice

4 a 7

CM Castanheira de Pera

9

CM Pedrógão Grande

10 e 11

CM Góis

12

2BForest

13

Hephaesnus

14 e 15

ON24H

18

Chapitô

FICHA TÉCNICA

Propriedade Modernográfica – Industrias Gráficas, Lda | Estrada Nacional 125, Cortezões, 8200-557 Albufeira NIF 500195277 **Conselho de Administração:** Sérgio Pimenta **Participações sociais** Fátima Miranda, Hermes Pimenta, Litográfis – Artes Gráficas, Lda (+5%) **Assessora de Administração:** Carla Rodrigues **Gestor de Conteúdo** Vítor Santos **Diretor Editorial:** João Malainho **Jornalistas:** Tiago Costa, Tatiana Martins **Design Gráfico:** Departamento Criativo Modernográfica **Redação e Publicidade:** Rua António da Costa Viseu, 120 4435-104 Rio Tinto **E-mail** geral@revistamagazine.pt **Site** www.revistamagazine.pt **Periodicidade** Bimestral **Estatuto Editorial** Disponível em www.revistamagazine.pt **Impressão** Modernográfica – Industrias Gráficas, Lda. **Depósito Legal** 507479/22

A função vital da ANEPC na gestão de emergências em Portugal

Entre outras missões, à ANEPC compete o planeamento, coordenação e execução das políticas de emergência e de proteção civil no território continental, bem como a articulação e coordenação da atuação dos agentes de proteção civil e entidades que desenvolvem ações em matérias de emergência e de proteção civil. A sua visão abarca privilegiar o conhecimento como vetor transformador e a sua comunicação como instrumento estratégico, procurando a excelência no serviço aos cidadãos e ao País. É no serviço aos cidadãos e com os cidadãos que reside esta centralidade.



Francisco Peraboa, Comandante Regional de Emergência e Proteção Civil do Centro

Enquanto cidadãos, ao refletir sobre incêndios florestais, é fácil deixarmo-nos envolver pelos números que estas ocorrências encerram, operacionais envolvidos, área ardida, custos e sobretudo as vítimas que direta e indiretamente provocam. Na prevenção, de forma inconsciente, o nosso pensamento centra-se na gestão de combustíveis e por aí se fixa, sem grande perceção de que o nosso papel enquanto cidadãos é muito mais vasto e preponderante.

A Lei de Bases de Proteção Civil fornece-nos os principais elementos para percebermos o quão importantes são os cidadãos no complexo sistema de proteção civil. Desde logo define a Proteção Civil como uma atividade com caráter permanente, multidisciplinar e plurisectorial e não como uma instituição, desenvolvida pelo Estado, regiões autónomas e autarquias locais, pelos cidadãos e por todas as entidades públicas e privadas com a finalidade de prevenir riscos coletivos inerentes a situações de acidente grave ou catástrofe, de atenuar os seus efeitos e proteger e socorrer as pessoas e bens em perigo quando aquelas situações ocorram. É neste importante papel de cidadãos e enquanto principal agente de proteção civil que devemos refletir a forma como, em conjunto, podemos prevenir a ocorrência de incêndios florestais.

Desde logo interiorizar os importantes conceitos de perigo, de risco e vulnerabilidade, desenvolver uma cultura segurança centrada no conhecimento dos riscos da área em que residimos ou nos encontramos e na

forma de como os minimizar. Conhecer e interagir com os agentes de proteção civil locais, fundamental para uma maior proximidade e conhecimento da realidade local. Conhecer as medidas de autoproteção a adotar em cada situação, divulgando-as e exercitando-as com os que lhe são mais próximos.

Conhecer e compreender o funcionamento do sistema de proteção civil e os diferentes sistemas de resposta que com ele interagem, não esquecendo que a maioria das ocorrências de incêndio florestal têm origem humana, seja por negligência ou dolo, e que, na grande maioria das vezes, é ao cidadão a quem cabe a importante tarefa de dar o alerta da ocorrência, realizando uma chamada de emergência via 112, a primeira intervenção, tentando minimizar o foco de incêndio, proteger a sua vida e a dos que lhe são mais próximos e a segurança dos seus bens, até à chegada dos meios de socorro.

O desenvolvimento de uma cidadania ativa e interventiva e sobretudo mais centrada no conhecimento do risco, na procura pela informação e na implementação das mediadas prevenidas e de autoproteção interiorizadas, certamente que promoverá uma redução significativa das ocorrências de incêndio florestal, bem como da sua simultaneidade o que se traduzirá numa maior disponibilidade de meios e recursos para aquelas que venham a ocorrer, tornando o sistema de proteção civil mais eficiente.



Valorizar a Floresta

Ao visitar o município de Castanheira de Pera, ninguém fica indiferente à tonalidade verde que abunda no concelho, graças aos extensos hectares de floresta que circundam toda esta vila portuguesa. Preservar o panorama paisagístico que abraça o concelho e proteger todo o ecossistema guardado nas florestas de Castanheira de Pera é uma das grandes missões do município, nomeadamente durante o verão, onde a realidade dos incêndios pode-se apresentar como um grande desafio à defesa do vasto património natural aqui presente. Neste sentido, anualmente, o município reúne esforços tendo em vista criar uma série de iniciativas que visem defender as suas florestas e orientar os seus proprietários a gerir as mesmas.

DA ANCESTRALIDADE DA ECONOMIA AGROSSILVOPASTORIL À MONOCULTURA FLORESTAL

O modo como gerimos a floresta está diretamente relacionado com o valor económico que lhe pretendemos atribuir. Recuando no tempo, a primitiva economia agrossilvopastoril combinava a pastorícia, fazendo uso extensivo de terrenos baldios, cobertos por mato rasteiro cobrindo as serranias que alimentavam as centenas ou milhares de cabeças de cabras e ovelhas, com o minifúndio da agricultura de subsistência familiar, nestas terras de xisto duramente amanhada entre socalcos de sequeiro e as estreitas leiras de regadio no fundo do vale. A produção de castanha foi a base da alimentação até épocas tardias, concorrendo com a batata, até a doença da tinta dizimar os densos soutos da Castanheira. A corrente das águas da Ribeira de Pera fazia mover a roda hidráulica, no giro dos engenhos da moenda dos moinhos e do apisoar dos tecidos de lã nos pisões. Depois, a demanda de carvão vegetal do progresso fabril fez com que as encostas da serra ficassem ainda mais despidas. Seguiu-se, nesta zona do Pinhal Interior Norte voltada para o Zêzere, a exploração dos extensos pinhais a perder de vista entre os montes e vales. Monocultura bastante dinamizada durante o Estado Novo, do pinheiro extraía-se a resina e transformava-se a madeira no labor intenso das serrações e carpintarias. Até o eucalipto passar a dominar as paisagens.

A MULTIFUNCIONALIDADE DO TERRITÓRIO MAIS RESILIENTE AOS INCÊNDIOS

Mais do que a mudança na paisagem, a transição da monocultura do pinhal para a predominância dos extensos eucaliptais trouxe grandes alterações na economia local/regional. A cadeia de valor tornou-se mais curta. Da multiplicação de empresas e empregos no setor florestal dedicados às atividades da resinagem, das serrações e das carpintarias, aproximámo-nos de um modelo de extrativismo dirigido ao abastecimento da grande indústria de celulose (pasta de papel), com reduzida atividade transformadora no território.

Por outro lado, o valor económico do eucalipto é demonstrado na extraordinária capacidade de adaptação ao nosso clima e ao solo. Após a terraplanagem, procede-se ao plantio e ao fim de 9 anos as árvores estão aptas para o corte – que se traduz num fator competitivo relevante, considerando o crescimento mais lento noutras regiões do país. A capacidade de regeneração após o corte, e em situações pós-incêndio, é impressionante. Com relativa economia de esforço, o eucaliptal cresce e gera rendimento, quase sem ver o dono.

O tempo da difusão das monoculturas, entre o pinhal e o eucaliptal, coincide com a maior frequência na ocorrência de grandes incêndios florestais. Os fatores são múltiplos e complexos que não se resumem a questões restritas à gestão da floresta e ao dispositivo dos meios de prevenção e combate aos fogos rurais. A alteração da estrutura demográfica, marcada pelo êxodo rural, o despovoamento das aldeias e o relativo envelhecimento da população, assim como a mudança dos estilos de vida dos residentes, trouxe consequências no modo como nos relacionamos com a floresta. Na economia rural de outros tempos, todos os recursos agroflorestais eram reaproveitados: a



madeira servia para a construção civil e a produção de lenha para o fogão e a lareira, as pastagens alimentavam o gado, da caruma e do mato fazia-se a cama dos animais, que por sua vez era o estrume que fertiliza a terra onde se semeia o pão. Havia um princípio de circularidade no espaço que se movia entre a aldeia, o campo, a floresta e a serra. Hoje, o denso arvoredo estende-se quase sem barreiras na monotonia da paisagem pelas serranias, adentra nas aldeias e ocupa terras de cultivo de outrora. Porém, as pessoas estão mais distantes da floresta, relativamente aos usos e proveitos que dela retiram. Haverá muitos mais meios de prevenção e combate aos incêndios, mas falta gente que cultive a terra e cuide da floresta. E, na falta de um melhor aproveitamento dos recursos florestais, acumulam-se resíduos e sobrantes que são o combustível ao fogo. Acrescentem-se as alterações climáticas, das chuvas intensas das invernias, que dão vigor à rebentação da vegetação primaveril, seguindo-se o estio prolongado dos verões quentes, secos e fora de época, como aconteceu em junho e outubro de 2017.

GERIR A FLORESTA NUM TERRITÓRIO ONDE PREDOMINA O MINIFÚNDIO AGRÍCOLA E FLORESTAL

Sem acorrer em radicalismos, não fará sentido diabolizar o eucalipto, na mais-valia que significa o retorno financeiro para a economia local. É preciso melhor gerir os eucaliptais. No montante de 1,2 milhões de euros, financiado na totalidade pelos fundos do Plano de Recuperação e Resiliência, o projeto Castanheira Melhor Floresta contempla a intervenção em 1500 hectares de eucaliptal (530 hectares já executados), que inclui ações de desbaste, desmatamento e redução da carga de combustível. Simultaneamente, diminui-se o risco de propagação de incêndio e incrementa-se a rentabilidade das pequenas parcelas, apenas possível através da ação concertada empreendida pelo promotor do projeto, a Biond.

Também a regeneração e a gestão das áreas de pinheiro-bravo, em declínio nas últimas décadas, tem merecido atenção da autarquia, nomeadamente através da intervenção promovida pelo ICNF, numa área de 200 hectares, localizada em terrenos municipais no parque do São João da Mata. No sentido de criar zonas de descontinuidade nas áreas de monocultura e promover a biodiversidade destacam-se dois projetos: i) a candidatura ao Fundo Ambiental para a criação da Área Integrada de Gestão da Paisagem (AIGP), numa extensão de cerca 950 hectares; ii) o projeto para a Prevenção da Floresta contra Agentes Bióticos e Abióticos, desdobrado nas ações de controlo de espécies invasoras lenhosas, com destaque para o combate à disseminação de mimosas e acácias, cobrindo cerca de 13 hectares, e na criação de mosaicos florestais, numa extensão de 200 hectares, e a somar a outras ações de reabilitação, rearborização e reconversão de povoamentos florestais coordenadas pelo Gabinete Técnico Florestal (GTF).

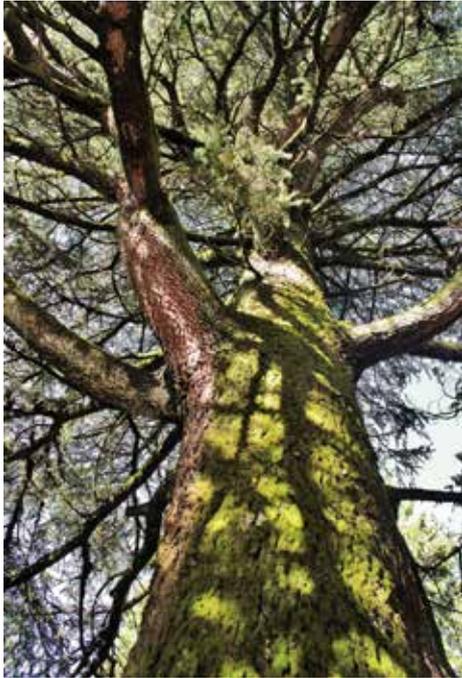
Tornando-as mais seguras, resilientes e sustentáveis, a proteção dos aglomerados populacionais contempla a criação de 36 Condomínios de Aldeia, encontrando-se 10 já aprovados em início de execução. A área de intervenção cobre a largura padrão de 100 metros sobre a faixa de gestão de combustível secundária envolvente às aldeias, preconizando-se a reconversão de



terrenos de ocupação florestal (eucaliptos, pinheiros e espécies invasoras) noutros proveitos agrícolas e agroflorestais, através da valorização da agricultura de conservação, alargada ao uso de pastagens, ao cultivo de pomares e olivais, e à preservação do arbóreo autóctone. A par da limpeza de arruamentos e espaços públicos nas aldeias, assegurada por equipas municipais, tem havido um esforço continuado da autarquia na manutenção das faixas de gestão de combustível ao longo da rede viária municipal, através da contratação externa.

Do gabinete tecnologicamente bem apetrechado nos sistemas de informação geográfica e nas ferramentas digitais de monitorização do território, o Serviço Municipal da Proteção Civil tem feito um trabalho extraordinário no terreno, patente na prontidão da resposta a situações de emergência e em diversas ações preventivas, incluindo a realização de queimadas controladas em terrenos municipais e baldios e campanhas de sensibilização ambiental junto da população. As limpezas obrigatórias de terrenos particulares e a implementação dos Condomínios de Aldeia tem sido temas abordados nestas sessões de esclarecimento.

Depois da compra de um biotriturador, colocado ao serviço



A MEMÓRIA DA TRAGÉDIA DE 2017 E A CELEBRAÇÃO DO «DIA DE PORTUGAL»

Duramente fustigado pelos incêndios de junho de 2017, numa tragédia sem precedente na incomensurável perda de vidas humanas e nos avultados danos materiais, a monotonia da paisagem recobre-se do imenso eucaliptal que se avista ao longo da EN 236-1, ao sul de Castanheira de Pera. O território regenera, mas é preciso melhor gerir a floresta.

Pretende a Presidência da República inteirar-se do estado do ordenamento e gestão florestal nos concelhos afligidos na tragédia, procurando dar a conhecer essas ações em curso durante o programa das solenidades do Dia de Portugal, que se iniciará com o hastear da bandeira nacional junto ao memorial de homenagem às vítimas dos incêndios de 2017, no dia 09 de junho, pelas 10 horas. E mais pretende S. E. Marcelo Rebelo de Sousa, no exercício do supremo magistério de influência, religar o atual Governo Constitucional ao compromisso da coesão territorial, através da promoção do desenvolvimento económico, social e cultural mais sustentável e equitativo no todo nacional, com especial atenção para os territórios de baixa densidade demográfica do Pinhal Interior onde nos inserimos.

A ECONOMIA DO TURISMO E A VALORIZAÇÃO DO ARBÓREO AUTÓCTONE

Quase metade do nosso concelho está enquadrado na área da conservação dos habitats da rede europeia Natura 2000, inserido no sítio da Serra da Lousã. São manchas de floresta autóctone, onde predominam os carvalhos e castanheiros, que dão lugar à flora rasteira do manto de urzes e carquejas que cobre as vertentes das serranias e servem de pasto ao potencial apícola. Este quadro idílico estimula o olhar para a valorização das paisagens através da capitalização de práticas sustentáveis dirigidas à promoção do turismo de natureza. Foram mais de 32 mil os pedestrianistas que no ano passado percorreram os quatro percursos homologados ao redor das aldeias do Coentral e de Pera, a que se soma o milhar de caminhantes que participaram nas rotas singulares da agenda Doze Meses, Doze Caminhadas e do pacote turístico do Festival de Caminhadas da Serra da Lousã. Em suma, estas dinâmicas de turismo abrem novas perspetivas sobre a valorização da floresta e a preservação das paisagens.

Ultrapassando a imagem negativa da tragédia de 2017, é preciso divulgar as potencialidades dos recursos naturais junto de quem nos visita, através de uma estratégia de promoção turística todo o ano. Roteiros que convidam a novas experiências imersivas na natureza, que não se esgotam nos refrescantes mergulhos de verão na Praia das Rocas.

Façamos da floresta e da beleza das nossas paisagens o cartaz turístico original e autêntico de Castanheira de Pera.



do GTF, para o processamento de resíduos e sobrantes agrícolas e florestais, em substituição da realização de queimadas, a recente aquisição de um drone permitirá ampliar o alcance da Proteção Civil nos seguintes pontos de ação municipal em situações de emergência, catástrofe natural ou calamidade pública: Levantamento cartográfico de áreas ardidas e a deteção de pontos quentes em cenários de pós-incêndio florestal, através do uso de câmara térmica; Suporte à tomada de decisão em situações de risco de acidente e/ou de catástrofe, através da recolha de imagens em tempo real transmitidas ao centro de operações; Apoio em operações de busca e salvamento, fazendo uso do varrimento do espaço por meio de imagens aéreas (fotografia e vídeo) e câmaras térmicas de visibilidade noturna; Inspeção, rastreamento ou monitorização de áreas ou locais de difícil acesso, em missões complementares ou alternativas ao deslocamento de viaturas e operacionais; Apoio a outros serviços municipais que atuem nos domínios do ordenamento do território, ambiente e gestão da floresta, permitindo o mapeamento e medição de áreas de intervenção, o registo de imagens aéreas e a recolha de outros dados complementares de informação geográfica.

O coração verde de Portugal: As singularidades das florestas portuguesas

De norte a sul do país, não esquecendo as ilhas, a floresta é um traço geral da identidade de Portugal, contando com uma extensão de mais de três milhões de hectares, o que representa cerca de 35% do território nacional. A preservação das florestas portuguesas é uma medida fulcral para se garantir a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas naturais, a proteção microclimática e a fixação de solos, sendo ainda uma importante fonte de recursos económicos e de riqueza paisagística.

É inegável que Portugal é um país com uma enorme vocação florestal, apresentando-se não apenas como um importante recurso natural, mas também com valências ao nível ambiental, paisagístico, social e económico. Por cada quilómetro feito em estrada portuguesa, somos vislumbrados com paisagens verdejantes que se perdem no horizonte e que dão vida e cor às cidades, aldeias e vilas pitorescas de Portugal. Ainda assim, devido a um conjunto de fatores, como as características da geografia, do clima e dos solos, bem como da influência histórica e cultural, a floresta em Portugal não é igual de região para região, e as diferenças vão muito além da sua extensão.

A norte do país, o pinheiro-bravo é o ex-líbris da floresta, quer em termos de maior representatividade, ocupando cerca de 180 mil hectares, quer no domínio de volume de crescimento. Seguem-se os eucaliptos, com uma extensão de quase 165 mil hectares, levando a que a zona nortenha de Portugal tenha um elevado potencial para a atividade madeireira e a sua transformação. Em traços gerais, a floresta da região norte estende-se por perto de 585 mil hectares, mais de 27% deste território.

A floresta no centro do país é a que mais contribui para o total de carbono armazenado, guardando nas suas árvores mais de 38% do stock florestal de carbono nacional, o equivalente a 128 mil toneladas de dióxido de carbono. Nesta região do país, a floresta representa quase 40% do território, sendo que 67% se situa nas terras mais baixas: 733,4 mil hectares abaixo dos 400 metros de altitude. Com 460 mil hectares, o pinheiro-bravo mantém-se como

a espécie com maior representatividade, seguindo-se os eucaliptos e sobreiros.

O Alentejo é a região portuguesa com uma maior ligação à floresta, isto porque cerca de 42% do seu território é florestal, o que leva a que seja a região portuguesa com maior extensão florestal. O sobreiro é a espécie com maior predominância no Alentejo, sendo famosas as extensas planícies alentejanas apenas preenchidas por sobreiros. Por isso mesmo, esta predominância contribui para fazer da região do Alentejo a mais importante em Portugal na produção de cortiça, com uma média de 734 mil toneladas a cada ano.

Ainda mais a sul do país, nomeadamente na região algarvia, a floresta ocupa perto de 30% do território e estende-se por mais de 145 mil hectares. A sul predomina na floresta as espécies folhosas, embora individualmente a mais comum seja o pinheiro-manso. Nos últimos anos tem-se registado um aumento considerável de alfarrobeiras, uma árvore histórica na região.

Vivemos tempos de grandes ameaças à floresta portuguesa, onde as alterações climáticas e o aquecimento global levam a que os incêndios florestais seja uma realidade cada vez mais visível todos os verões. Dada a riqueza das áreas verdes do nosso país, urge encontrar instrumentos de gestão e ordenamento florestal, seja no âmbito privado ou público, bem como a adoção de ações que visem a proteção deste que é um dos bens mais preciosos à vida humana.



Pedrógão Grande: Pela proteção da floresta e da comunidade

Desde a tomada de posse do atual Executivo, em 2021, a floresta e a defesa de pessoas e bens têm sido uma prioridade. Ainda que condicionado pelas limitações orçamentais, esta autarquia tem desenvolvido de forma eficaz as suas competências nesta matéria.



No que se refere à execução dos Condomínios de Aldeia, os quais consistem na execução de faixas em redor das aldeias com maior risco de incêndio, esta autarquia já executou aqueles nas aldeias de Pobrais, Conhal e Foz do Carriçal, tem em fase de execução as aldeias de Louriceira, Sobreiro, Escalos Fundeiros, Alagoa e Atalaia e em análise pela entidade gestora encontram-se as aldeias de Salaborda Velha, Ramalho, Figueira e Outão, num total de 12 aldeias, com financiamento a 100% do PRR/Fundo Ambiental.

A par desta iniciativa, encontra-se em implementação o programa “Aldeias Seguras, Pessoas Seguras”, cujo objetivo principal é a proteção de pessoas localizadas na interface urbano-florestal, através da implementação e gestão de zonas de proteção e locais de refúgio nos aglomerados e a sensibilização das populações para a prevenção de comportamentos de risco e para a adoção de medidas de autoproteção e de preparação face a incêndios rurais. Ações estas complementadas através da realização de simulacros de evacuação da aldeia.

Paralelamente, está em vigor o PMDFCI, cujo Plano Operacional Municipal é aprovado anualmente em sede de Comissão Municipal de Gestão Integrada de Fogos Rurais, garantindo que no início da época mais crítica de incêndios florestais são conhecidos os meios humanos e materiais existentes no município.

O Município verificou, através de um estudo da ANACOM, que existem muitas zonas no concelho sem cobertura de rede de comunicações, pelo que adquiriu um sistema de redundância de rede de internet e comunicações de voz com recurso à tecnologia por satélite (Starlink).

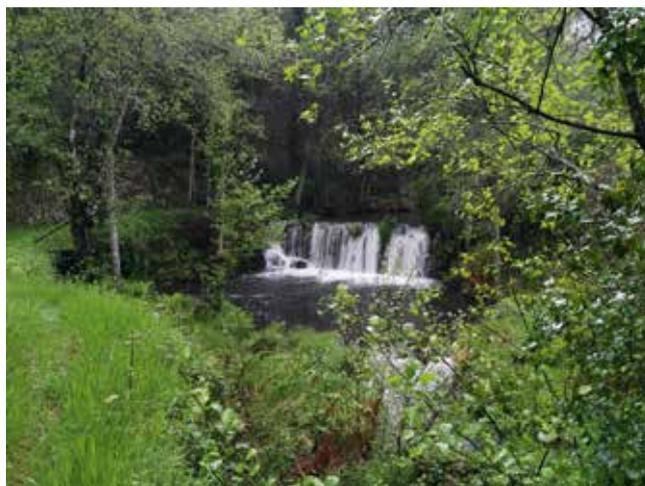
No âmbito da prevenção de incêndios florestais a autarquia, por ano, realiza em média 150 hectares de faixas de gestão de

combustível, associadas à rede viária e outras infraestruturas municipais. Com recurso a meios próprios, executa anualmente cerca de 250km de intervenções de melhoria na rede viária florestal, garantindo a segurança na circulação dos meios de socorro, a qual também contempla a manutenção dos pontos de água, com acesso de abastecimento terrestre e aéreo. De notar ainda que o atual executivo aumentou em cerca de 70%, entre 2021 e 2024, o valor de apoio financeiro à Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Pedrógão Grande.

Ainda neste âmbito de reforçar as ações de sensibilização junto das povoações, com o objetivo de mostrar a importância de realizar a gestão dos combustíveis junto das povoações e casas isoladas, alertando para as boas práticas na execução de queima de sobrantes agrícolas, uma vez que em meio rural esta é uma prática muito frequente.

A autarquia desenvolve ainda ações de promoção da conservação das espécies autóctones, controlo de espécies invasoras e aumento da biodiversidade, junto da comunidade escolar, pois acredita que a mensagem levada pelas crianças, fará a diferença no futuro.

Para o futuro, a autarquia, com o objetivo de demonstrar à comunidade a importância dos bosques autóctones aliados à resiliência destas espécies ao fogo, pretende desenvolver projetos que visam a proteção das florestas naturais no concelho, através de uma rede de bosques autóctones municipais.



Um modelo de gestão e prevenção

Localizado na região de Coimbra, entre as serras de Lousã e do Açor, o Concelho de Góis destaca-se como um território essencialmente rural e um exemplo notável na prevenção e combate aos incêndios florestais.



Ações de Fogo Controlado

O Vale do Ceira atravessa o concelho e desenvolve-se numa vasta área territorial com 263,3 km². A esmagadora maioria do território encontra-se afeta ao uso florestal, que corresponde a aproximadamente 26000 hectares, seja arborizado (Florestal 69%) ou desarborizado (Matos e Pastagens 24%), com um total de 93%. O uso agrícola, num total de 826,64 hectares, representa 5% e corresponde às áreas envolventes às aldeias.

Neste sentido, devido à elevada área florestal do nosso concelho, a autarquia preocupa-se em adotar boas práticas na prevenção e combate a incêndios florestais.

BOAS PRÁTICAS DO MUNICÍPIO DE GÓIS NO COMBATE E PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS

“Condomínio de Aldeia” – Programa de Transformação da Paisagem

O Município de Góis elaborou vários projetos “Condomínio de Aldeia”, no âmbito do Programa Integrado de Apoio às Aldeias Localizadas em Território de Floresta, apoiados pelo Fundo Ambiental. Atualmente, são 13 aldeias beneficiadas no concelho.

Os projetos visam tornar as áreas envolventes (faixa de 100 metros ao redor das aldeias) e as próprias aldeias mais resilientes aos incêndios rurais, através da recuperação das infraestruturas existentes, bem como da revitalização das práticas culturais ancestrais utilizadas, exploração do olival, do souto e do medronho, como forma de desenvolvimento sustentável.

Constituição e Manutenção de Faixas de Gestão de Combustíveis

A autarquia procede, anualmente, à constituição de cerca de 150 hectares de faixas de gestão de combustível, sendo a Rede de Pontos de Água de Góis composta por 47 pontos de água. Em 2023, decorreu uma verificação à referida rede, tendo sido identificadas situações de falta de gestão de combustíveis e de falta de capacidade de retenção de água.

Neste sentido, foram realizados trabalhos corretivos de 4,3 hectares de gestão da vegetação em 13 reservatórios GFR, beneficiação de 2 reservatórios (Aigra Velha e Aigra Nova) e foi colocada uma placa de identificação/sensibilização no reservatório de Vale Moreiro.

De forma a obter resultados positivos, está em curso o levantamento e cadastro da Rede de Abastecimento e Drenagem do total da Rede de Reservatórios GFR de Góis.



Ação de reforestação

Beneficiação de Caminhos Florestais

Góis aposta na manutenção e melhoria da rede viária florestal do concelho, fundamental para a segurança dos meios de combate e intervenção em manobras de combate a incêndios. Neste sentido, tem sido desenvolvido um esforço suplementar com máquinas de rastos e motoniveladoras, que tem permitido uma beneficiação e/ou manutenção anual superior a 200 quilómetros da rede viária florestal de Góis.

Apoio à Elaboração de Ações de Fogo Controlado

O Município de Góis colaborou na ação de fogo controlado, executada na Aigra Velha, num total de 24 hectares. A ação enquadra-se na implementação do Projeto Piloto da Região de Coimbra do Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais (SGIFR), em trabalhos liderados pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

Esta iniciativa contou com a colaboração de 50 elementos das seguintes entidades: Bombeiros Voluntários de Góis, Equipa de Sapadores Florestais da Associação Florestal do Concelho de Góis, Município de Góis, Núcleo Sub-Regional de Coimbra – Gestão de Fogos Rurais do ICNF e Unidade de Emergência de Proteção e Socorro da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Entre os objetivos positivos desta ação destacam-se a gestão das áreas de matos, na prevenção dos incêndios rurais, e a renovação das áreas de pastagens dos rebanhos de cabras ainda existentes na Serra da Lousã.

Centrais Municipais de Biomassa

Góis acolheu a sessão “Potencial de Valorização da Biomassa Florestal no Concelho de Góis através de Pequenas Centrais de Biomassa”, liderada pela equipa do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, que contou com a participação de entidades decisoras regionais e locais relevantes para o projeto: Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais, Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Bombeiros Voluntários de Góis e Agrupamento de Escolas de Góis.

A sessão enquadra-se no processo de análise da viabilidade de instalação de pequenas centrais de biomassa como potenciadoras de melhor gestão florestal e prevenção de incêndios, no âmbito do estudo “Contextualização e Operacionalização de Pequenas Centrais de Valorização de Biomassa em Portugal”, financiado pelo ICNF, através do Fundo Florestal Permanente, promovido pela AGIF, com apoio da Direção-Geral de Energia e Geologia, e suporte articulado de equipas externas do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa e do LUKE - Natural Resources Institute Finland.



8.ª edição da Bubones Experience

Participação em Estudos e Projetos Piloto

O Município de Góis participou no estudo “Revitalização Rural e Convivência com o Fogo”, conduzido pela Dra. Jacquelyn Chase, Professora Emérita da California State University Chico e Fulbright Scholar. O objetivo do estudo é dar a conhecer os esforços que estão a ser feitos, em localidades do centro de Portugal, para trazer as pessoas para as áreas rurais, e as mudanças que têm feito, ao nível da paisagem, relativamente às atividades e perspetivas relacionadas com a silvicultura, prevenção de incêndios e sensibilização para novas populações existentes nos espaços rurais.

A autarquia promoveu ainda o projeto “Beneficiação da Paisagem nas áreas envolventes às Aldeias do Xisto”, financiado pelo Turismo de Portugal. O projeto contemplou a execução de trabalhos de gestão seletiva da vegetação espontânea, nas zonas envolventes das quatro aldeias do xisto do concelho, numa área total de 31,83 hectares. Fomentou-se a presença e o desenvolvimento de espécies autóctones existentes, mais bem-adaptadas aos locais e em harmonia com a valorização cénica e paisagística, potenciando a biodiversidade, bem como o aumento da resiliência daqueles espaços aos incêndios rurais.

Ações de Educação e Sensibilização da População

A GNR deu início, em Góis, a ações de sensibilização de defesa da floresta contra incêndios rurais, através do Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente, da Unidade de Emergência, de Proteção e Socorro e dos Comandos Territoriais.

Para além disso, foi realizada uma ação de reforestação, onde foram plantadas 200 árvores, entre as quais sobreiros, medronheiros, carvalhos e pseudostugas em áreas com espécies invasoras. Assim, a ação de restauro ambiental contribuiu para o aumento da biodiversidade do espaço, nomeadamente na flora.

Góis acolheu ainda a 8.ª edição da Bubones Experience, uma iniciativa da Associação de Estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra. Os alunos desenvolveram uma ação de voluntariado, no parque da Quinta do Baião, plantando cerca de 50 novas árvores de espécies ripícolas autóctones – amieiros, freixos e choupos.



Na vanguarda da certificação florestal em Portugal

Desde 2016 que a 2BForest trabalha para ser a empresa de referência na área de certificação florestal em Portugal. A área de atuação abrange todo o território nacional e estabelece-se de uma forma vertical e horizontal na cadeia de valor do setor, permitindo à empresa uma visão integrada de todas as fileiras e contribuindo para uma intervenção mais ajustada às necessidades dos seus clientes.

Caminhamos a passos largos para o verão, época do ano marcada pelas férias dos portugueses, mas também pelos incêndios florestais que devastam as nossas florestas. De forma a garantir um baixo risco de incêndio, a certificação florestal e dos serviços dos ecossistemas, como o carbono, a água, a biodiversidade e o turismo, pode assumir-se como uma ferramenta essencial. Neste sentido, em 2019, a 2BForest iniciou o desenvolvimento da ForestSIM® - uma plataforma online de apoio à gestão florestal certificada. Com a ForestSIM®, passou a ser possível para profissionais e proprietários a consulta de mapas em tempo real, informação essencial para a prevenção de incêndios rurais. Este sistema é atualmente utilizado por cinco entidades gestoras de certificação florestal, estando, portanto, acessível a cerca de 25 técnicos florestais, mais de 3000 proprietários florestais, 120.000ha e 60 empresas de exploração florestal. Ao longo destes oito anos de atividade, a ação da 2BForest tem-se pautado pela inovação e pioneirismo de diversos projetos a nível nacional e ibérico. A título de exemplo, em 2020, a empresa obteve a primeira certificação ibérica de projecto FSC®, orientada para a arquitetura e construção sustentável, onde todos os produtos utilizados no escritório da 2BForest e no cowork "2B_Office" têm origem em floresta com gestão certificada. Este projeto, denominado 2B_Office, é direcionado para a comunidade e que contou com o envolvimento de diversos parceiros portugueses que pretenderam demonstrar o seu compromisso com a floresta certificada. Os dois grandes marcos deste projecto são o facto de o espaço estar aberto ao público, onde coworkers podem ter um contacto estreito com produtos certificados FSC adquirindo um maior conhecimento sobre a sua importância na proteção das florestas nacionais, e o envolvimento de parceiros nacionais, para promoverem o seu compromisso comercial com a proteção e valorização das florestas mundiais junto dos consumidores finais. Para que todos os anos as florestas portuguesas sejam protegidas é imperativo que todos a conheçamos. Por isso mesmo, a 2BForest considera que o futuro depende de os proprietários das florestas encararem a floresta como um ativo rentável que vale a pena investir. Contudo, reconhecendo que a relação entre a gestão florestal e a prevenção de incêndios é complexa, a 2BForest apresenta uma solução composta por

duas vertentes de intervenção, por um lado através da alteração de comportamentos e da paisagem rural, em que se olha para questões estratégicas do território, que se têm pautado nas últimas décadas por falta de políticas públicas coerentes e assertivas na resolução de problemas estruturais. Na segunda vertente, é onde a 2BForest se insere e atua, com a clara consciência do seu papel de "cuidadores da floresta", pois tal como toda a sociedade, cabe-nos a todos cuidar dela!

www.2bforest.pt

FORESTSIM®

Ligue-se ao futuro da floresta

A plataforma de apoio à Gestão Florestal

PROPRIETÁRIO CO-FINANCIADOR

2B FOREST **NAVIGATOR**

Caso seja Entidade Gestora e pretenda mais informação sobre como adquirir a ForestSIM: www.2bforest.pt/forestsims

Sallus: Uma solução inovadora e autónoma

À medida que o verão se aproxima, a preocupação com os incêndios florestais aumenta significativamente. Os países, em geral, e o setor privado, em particular, procuram combater esta ameaça, investindo em soluções inovadoras como o *SALLUS*, desenvolvido pela Hephaesnus.



Todos os anos, assim que se aproxima a época do Verão em cada país, aumenta a preocupação em torno dos incêndios florestais. De forma quase desenfadada, os países preparam-se nos meses anteriores para tentar diminuir aquilo que pode ser descrito como uma verdadeira calamidade. De forma semelhante, o setor privado em meio rural prepara-se de modo a evitar a destruição dos seus ativos de forma solitária, assimétrica e desigual. Em Portugal, foi também reforçada por imposição legal a limpeza das propriedades florestais que implicam custos aos proprietários, não garantindo a proteção dos mesmos. Algumas das maiores questões que se colocam no que toca a esta calamidade no setor privado (habitações, parques de campismo, empresas em meio rural, entre outras) são “Que inovações têm sido criadas nos últimos anos para combater este tipo de incêndios no setor privado?” e “Como podem empresas ou pessoas proteger o que é seu, de forma segura, eficaz e autónoma?”

A inovação deste setor tem enveredado por dois ramos gerais: Prevenção e Combate. Na inovação, no domínio da prevenção de incêndios, destacam-se (indicando só alguns exemplos, e não desmerecendo a importância de outros) a deteção rápida e atempada de pequenos focos

de incêndio, nova maquinaria especializada para limpeza de terrenos, e a análise preditiva do crescimento de vegetação em dadas localizações. No domínio do combate a incêndios destacam-se sobretudo a criação de novas cargas extintoras mais eficientes, a melhoria da metodologia de treino e conhecimento do comportamento do fogo, e ferramentas digitais e preditivas da progressão de um incêndio para um combate mais eficaz e focalizado na proteção de ativos. O setor privado investe sobretudo nas componentes de deteção de incêndio (via câmaras ou sensores de infravermelhos) e utilização de sistemas de sprinklers para evitar que incêndios florestais possam progredir para as suas propriedades. Em casos extremos, conhecemos empresas que compram terrenos circundantes só para os poderem limpar e evitar incêndios nessa zona.

Na Hephaesnus, trabalhamos em conjunto com as empresas, pessoas e locais de interesse a protegerem-se contra incêndios florestais, combatendo-os de forma segura, autónoma, sustentável e eficaz. Para isso, desenvolvemos uma tecnologia premium, prevenção e combate a incêndios. Criado por uma equipa de designers internacional, o *SALLUS* consiste num vaso ornamental, 100% autónomo e móvel, capaz de detetar chamas a distâncias entre 6 a 10 metros. Ao detetar um potencial incêndio, o vaso liberta autonomamente uma carga extintora eficaz e sustentável, cobrindo uma enorme área e evitando assim a progressão das chamas, protegendo aquilo que é seu.

Esta solução não necessita de qualquer ligação a fontes de água ou energia, podendo ser colocada em qualquer ponto de uma propriedade. O cliente pode, inclusive, facilmente mudar a posição do vaso para outros pontos de risco que identifique ao longo do tempo, sem prejuízo do funcionamento do mesmo. O *SALLUS* estará ativo 24 horas por dia, dando uma proteção única e sem precedentes. A nossa tecnologia é válida para a proteção de vários domínios no exterior de espaços: Proteção de Armazéns de Madeira tratada, proteção de empresas em meio rural/florestal, proteção de parques de estacionamento e campismo, proteção de casas, quintas, e bens tangíveis (veículos, jardins, entre outros).

Na Hephaesnus não nos esquecemos do ambiente e sustentabilidade, pelo que para além de protegermos os outros, incentivamos à biodiversidade: O *SALLUS* possibilita a plantação de árvores e plantas de beleza ímpar, que acrescentarão um elevado valor visual a qualquer espaço. Podendo ser personalizável, constituirá sempre uma verdadeira peça de autor, única, protegendo-o com elegância.



HEPHAESNUS

www.hephaesnus.com

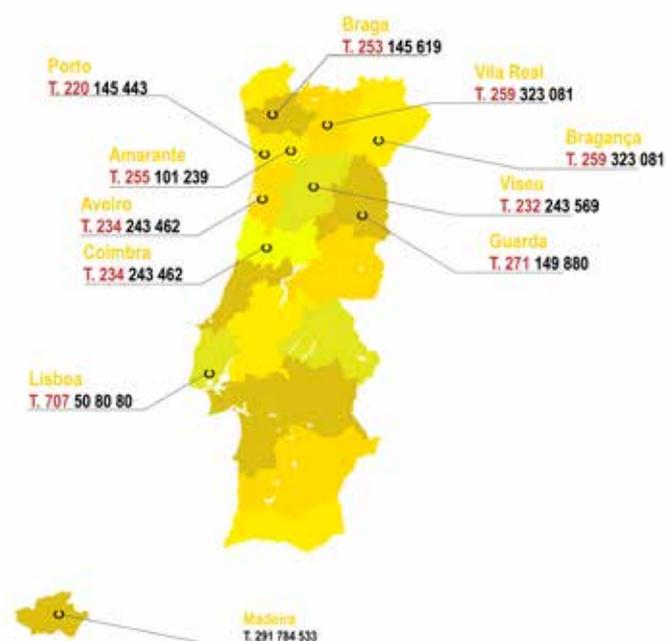
Tlm.: 912 948 410

Na linha da frente da prevenção e combate aos incêndios

Aproximamo-nos da época do ano onde um dos maiores flagelos naturais se faz sentir com maior vigor: os incêndios florestais. Todos os anos, milhares de hectares são dizimados pelas chamas, sendo imperativo encontrar soluções, tecnológicas e não só, que deem uma resposta eficiente e que se apresentem como ferramentas de grande utilidade à ação humana. Neste sentido, a ON24H surge como uma empresa que disponibiliza uma série de soluções de segurança contra incêndios rurais e urbanos, sendo um importante contributo para a prevenção e combate aos fogos florestais.

A ON24H é uma empresa que está ao lado dos bombeiros e dos portugueses no combate aos incêndios, fornecendo uma extensa gama de produtos que asseguram uma maior eficácia na prevenção, deteção e combate aos fogos. No âmbito da prevenção, a empresa assegura a instalação e manutenção de sistemas de alarme de deteção contra incêndios, detetor de fumos e temperatura, que podem ser ligados remotamente para fornecer informações detalhadas sobre o estado de normalidade, alarme ou manutenção e perante um sinal de alarme os sistemas de extinção são ativados; elaboração de MAP (medidas de autoproteção contra incêndios), que se tratam de procedimentos de organização e gestão da segurança com a finalidade de garantia da manutenção das condições de segurança definidas no projeto e a salvaguarda de uma estrutura mínima de resposta a emergências; formação de equipas de prevenção em edifícios; instalação e manutenção de portas corta-fogo e respetiva compartimentação de áreas através de selagens corta-fogo e cortinas, como o objetivo de evitar a propagação do fogo e gases quentes através dos compartimentos do edifício e criar zonas de evacuação para zonas seguras para as pessoas em risco e facilidade de mobilização dos bombeiros no combate às chamas; e ainda instalação de iluminação de emergência e sinalética de emergência, um meio de iluminação secundária que deve ser fornecido imediatamente, quando não está disponível o suprimento para a iluminação normal.

Já no quesito de combate aos incêndios, a ON24H disponibiliza a venda e manutenção de todo o tipo de extintores e mantas abafa fogos; instalação de sistema de rede de águas, como bocas de incêndio, carretéis, sprinklers, grupos de bombagem e marcos de água; instalação de sistemas de extinção de hotes de cozinha e instalação de sistemas de desenfumagem ativa e passiva, sendo que a ON24H utiliza tecnologia de ponta em todos os sistemas de desenfumagem de comando elétrico, desde os destinados à evacuação de fumo em caixas de escada aos sistemas complexos de desenfumagem e ventilação em edifícios de grandes dimensões. Para além do completo leque de serviços no âmbito dos incêndios, a empresa disponibiliza ainda sistemas de alarme antirroubo, de videovigilância e de controlo de acessos automatizados.





A ON24H É UMA EMPRESA CERTIFICADA NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS RELACIONADOS COM AS ÁREAS DE INCÊNDIOS E VIDEOVIGILÂNCIA

De forma a garantir uma atuação holística, a ON24H é uma empresa certificada nas diferentes áreas de ação, dispondo de todos os certificados da AENPC (Autoridade de Proteção Civil) para poder operar em todas as áreas de incêndios e os certificados do MAI (Ministério da Administração Interna para Intrusão e Videovigilância). Paralelamente, a empresa garante formação certificada dos colaboradores internos, experiência de mais de 25 anos na área, cobertura nacional e ilhas, técnicos altamente qualificados e instaladores dos fabricantes mundiais da área da segurança. Fatores que colocam a empresa num patamar de excelência.

UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DA EMPRESA É SENSIBILIZAR A POPULAÇÃO PORTUGUESA PARA A NECESSIDADE DE ADOTAR MEDIDAS PREVENTIVAS DE COMBATE AOS INCÊNDIOS

Sendo uma empresa que presta serviços e fornece ferramentas de combate aos incêndios, existe igualmente a responsabilidade de serem um importante veículo de sensibilização da população para o flagelo dos incêndios em Portugal. Aliás, uma das principais preocupações da empresa é a sensibilização das pessoas em regras de prevenção, bem como das entidades públicas que são as primeiras a exigir e depois são as últimas a cumprirem. Por isso mesmo, a ON24H promove em conjunto com diversas autoridades, tais como Câmara Municipais, corporações de Bombeiros e Proteção Civil, várias iniciativas de sensibilização para a prevenção e combate aos fogos urbanos, incluindo até mesmo simulacros.

Outro dos desafios diários da empresa é acompanhar as novas tendências tecnológicas no mercado, visto que a evolução tecnológica abre caminho a uma melhoria constante nos equipamentos de prevenção e combate.

Já perspetivando o futuro, as metas da ON24H possam por contribuir para educar as pessoas com métodos que previnam ao máximo a deflagração de incêndios, bem como desenvolver formações adequadas às entidades públicas e privadas.

www.on24h.pt

ON24h
alarmes
ligado 365 dias

Soluções de segurança
certificadas

707 50 80 80
+351 962 504 695

20 anos
eic
IPPC
IMPIC

Como agir em caso de incêndio?

Os incêndios florestais são um fenómeno frequente durante o verão em várias zonas do país, o que muito se deve às alterações climáticas que favorecem a propagação do fogo. Apesar de existirem entidades responsáveis pela prevenção, monitorização e combate às chamas, nós, enquanto cidadãos, também podemos e devemos ter alguns cuidados para evitar este tipo de catástrofes.

● Caso esteja perto de um incêndio:

- Ligar imediatamente para o 112;
- Se não houver risco e se estiver com roupas adequadas (camisa de manga comprida, botas e luvas), tente apagar o fogo com pás, enxadas ou galhos;
- Não atrapalhe o trabalho dos Bombeiros, Sapadores Florestais e outras equipas de resgate, e siga as suas orientações;
- Remova o seu veículo das vias de acesso ao incêndio;
- Se observar pessoas com comportamentos perigosos, avise as autoridades;
- Se o fogo estiver próximo da sua residência, avise os vizinhos, desligue o gás e molhe bastante as paredes e os arbustos ao redor da casa.

● Caso o incêndio se aproxime da sua casa:

- Avise os vizinhos;
- Molhe as paredes, o telhado e uma área de dez metros ao redor da casa;
- Feche todas as portas, janelas e outras aberturas, e baixe as persianas ou portadas;
- Remova móveis, lonas ou lenhas que estejam próximas à casa;
- Se for seguro, desligue e retire as botijas de gás para um local seguro;
- Afaste qualquer material inflamável das janelas e coloque toalhas molhadas nas frestas;
- Se não houver perigo, apague pequenos focos de incêndio com água, terra ou galhos verdes.

● Caso fique cercado por um incêndio:

- Vá para um abrigo ou refúgio coletivo. Se não houver nenhum por perto, procure uma zona plana, com água e pouca vegetação;
- Respire perto do chão, preferencialmente através de um plano molhado, para evitar inalar a fumaça;
- Cubra a cabeça e o resto do corpo;
- Use um lenço húmido para proteger o rosto do calor e da fumaça.



Em caso de necessidade de evacuação, é importante que tenha os documentos mais importantes do agregado familiar, bem como o boletim sanitário dos animais de estimação, num local seguro e de fácil acesso de forma a que possam ser rapidamente transportados em caso de retirada do aglomerado.

É também essencial preparar um kit de emergência que contenha itens indispensáveis para situações de urgência:

- Um kit de primeiros socorros;
- Os seus medicamentos de utilização diária;
- Água e alimentos não perecíveis;
- Produtos de higiene pessoal;
- Uma troca de roupa;
- Rádio, lanterna e apito;
- Dinheiro;
- Uma lista com os contactos dos seus familiares/amigos.

Investir na educação é investir no futuro

Com o compromisso e a dedicação de toda a comunidade escolar, o país está a preparar os seus jovens para um futuro promissor, repleto de oportunidades e sucesso a nível individual e social.

O último soar das campanhas é o momento mais aguardado pelos alunos, pois representa o final de mais uma época letiva. Com o término do ano escolar, é altura de colocar tudo em perspetiva e, tanto professores como alunos, fazerem um balanço sobre o que correu bem e os aspetos que podem ser melhorados.

Nesse sentido, considerando que a educação e a formação são a base para o desenvolvimento e bem-estar pessoal, e que os seus benefícios afetam não apenas o indivíduo, mas também a sociedade, Portugal tem dedicado esforços significativos nos últimos anos para modernizar e fortalecer o seu sistema educativo. Diversos investimentos têm sido realizados em infraestruturas, recursos humanos, programas educativos e inovação tecnológica, com o intuito de garantir uma educação de qualidade para todos os alunos.

No que diz respeito à melhoria das infraestruturas escolares, tem havido algum investimento público na construção, renovação e modernização de escolas em todo o país. O objetivo é criar ambientes de aprendizagem mais propícios ao desenvolvimento dos alunos, com salas amplas e bem equipadas, laboratórios modernos e bibliotecas atualizadas.

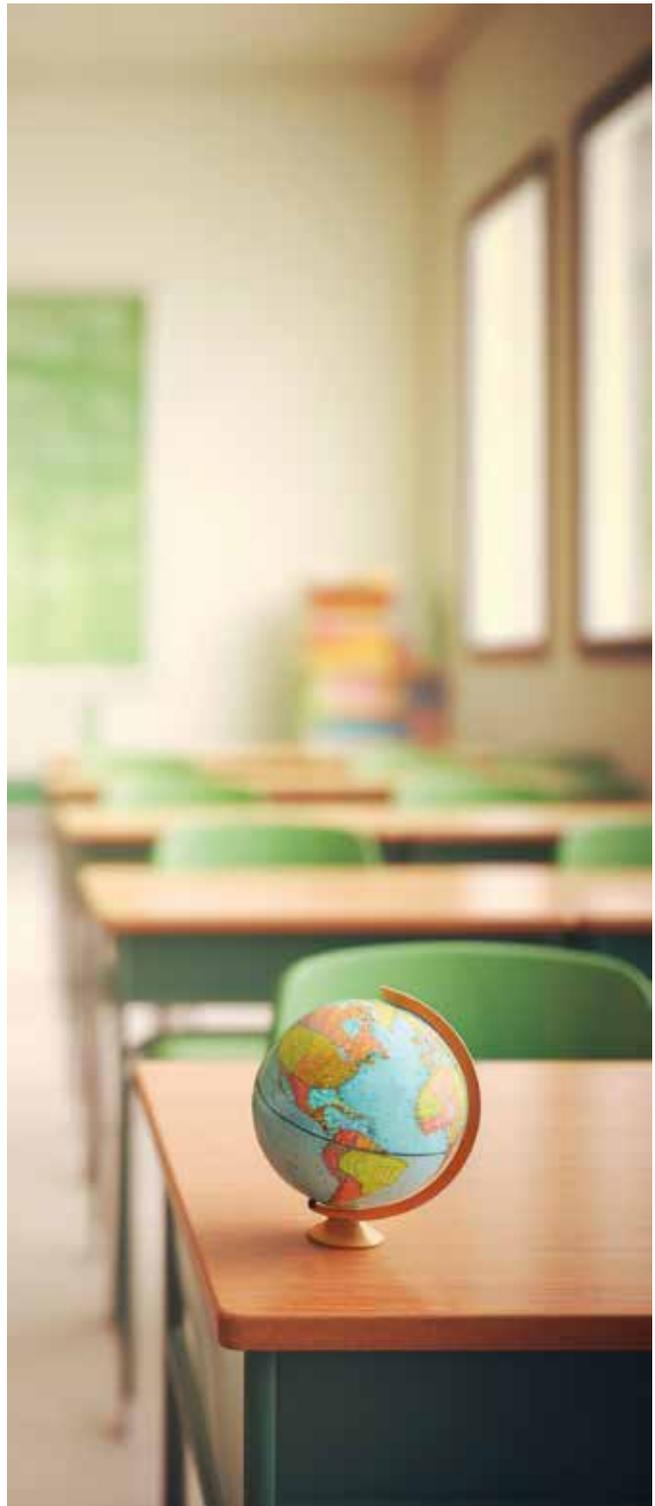
Reconhecendo a importância dos professores no sucesso escolar dos alunos, têm sido implementadas medidas para atrair e reter profissionais dedicados, incluindo a atualização salarial, a oferta de formação contínua e a evolução na carreira.

Os programas escolares estão constantemente a ser revisados e atualizados para acompanhar as exigências do mundo atual. O foco está no desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, tais como pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas, comunicação eficaz e trabalho em equipa.

Com a crescente presença das novas tecnologias nas escolas portuguesas, torna-se também necessário investir na aquisição de equipamentos informáticos, na criação de redes Wi-Fi e na formação de professores para a utilização eficaz destas ferramentas.

Estes investimentos na educação em Portugal começam a dar frutos, com as escolas portuguesas a assumirem lugares de destaque nos vários rankings e a taxa de abandono escolar a descer significativamente, até por força do ensino obrigatório até ao 12º ano.

Apesar de ainda existirem muitos obstáculos a superar, como a redução das desigualdades no acesso ao ensino e a promoção da inclusão de todos os alunos, ninguém duvida da importância de continuar a investir na educação e a construir um sistema de ensino cada vez mais forte e inovador para o futuro do país.



UMA ESCOLA DO TAMANHO DE UM SONHO

EPAOE - Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo

Chapitô

Estudar no Chapitô, na sua Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo, significa entrar num percurso de aprendizagem exaltante e inspirador - entregar-se com a paixão e o empenho que a formação em artes e ofícios do mundo do espetáculo exige.



RAZÕES PARA VIRES ESTUDAR NO CHAPITÔ:

Um ambiente familiar e mágico: uma escola do tamanho de um sonho, um acolhimento e acompanhamento de excelência, para poderes chegar tão longe quanto quiseres!

O diálogo, a surpresa, a disciplina, o saber relevante, a alegria, a festa, a reflexão... são nossas de manhã à noite!

E já imaginaste uma cantina e espaço de convívio que é também a 7ª esplanada mais bonita da Europa?

Cursos com dupla certificação: Diploma do 12.º ano de escolaridade e Certificado Profissional de Nível 4.

Currículo e Processos de Aprendizagem Inovadores: com componentes sociocultural, técnica e científica, a aprendizagem é individualizada e cooperada preparando-te para prosseguimento de estudos ou inserção profissional.

Formação em Contexto de Trabalho: garantimos estágios na área das artes do espetáculo, na vasta rede de parceiros do Chapitô.

Projeto final: preparação e apresentação de um espetáculo com apresentação pública.

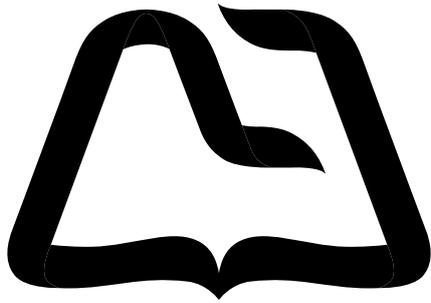
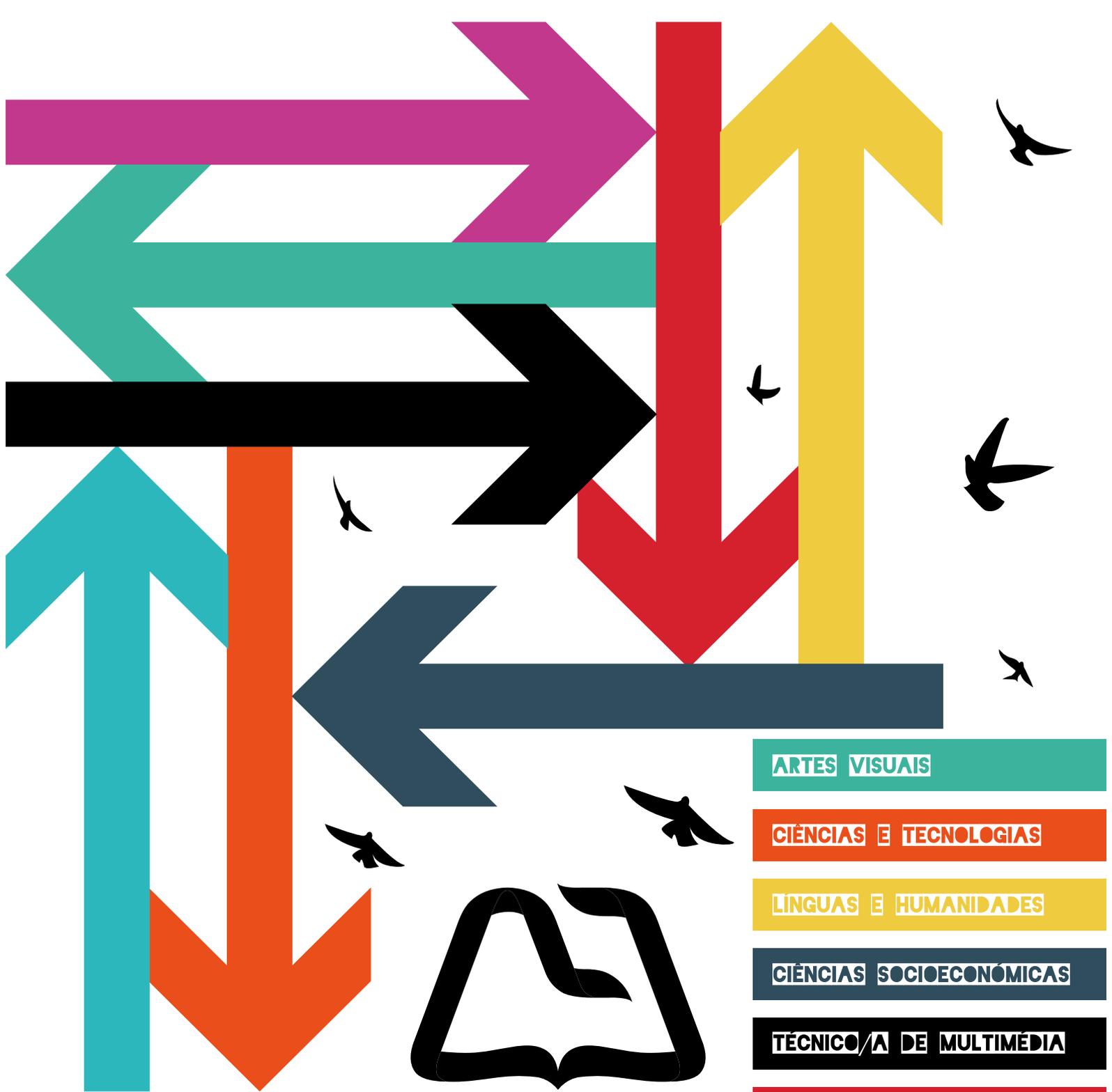
INSCRIÇÕES ABERTAS 2024 - 2025

CURSOS:

- Interpretação e Animação Circenses
- Cenografia, Figurinos e Adereços

INSCREVE-TE!

www.chapito.org • WhatsApp: 961 032 999 • Facebook: <https://www.facebook.com/escolachapito>
Instagram: <https://www.instagram.com/escolachapito/> • Vimeo: <https://vimeo.com/chapito>

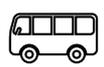


AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARGANIL

- ARTES VISUAIS
- CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
- LÍNGUAS E HUMANIDADES
- CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS
- TÉCNICO/A DE MULTIMÉDIA
- TÉCNICO/A DE INFORMAÇÃO E ANIMAÇÃO TURÍSTICA
- TÉCNICO/A AUXILIAR DE SAÚDE
- TÉCNICO/A DE MANUTENÇÃO INDUSTRIAL-VARIANTE MECATRÓNICA
- TÉCNICO/A DE DESPORTO
- TÉCNICO/A DE MAQUINAÇÃO E PROGRAMAÇÃO CNC



COMPUTADOR PORTÁTIL
KIT LIGAÇÃO À INTERNET
PROGRAMA ESCOLA DIGITAL



TRANSPORTE



ALMOÇO



ALOJAMENTO



BOLSAS PROSSEGUIMENTO
DE ESTUDOS
BOLSAS ERASMUS
BOLSA DE FCT



MANUAIS GRATUITOS



100%



Co-financiado pela
União Europeia

**A PREVENÇÃO
COMEÇA EM SI**

**OS PORTUGUESES
REDUZIRAM
PARA METADE
O NÚMERO
DE INCÊNDIOS**

Porque o **PERIGO** continua:
**PORTUGAL CHAMA
POR SI. POR TODOS.**



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**



SGIFR
Sistema de Gestão Integrada
de Fogos Rurais

Entre 2001 e 2017, ocorriam no total de cada ano, em média, 24 950 incêndios.
Após 2018, a média baixou para 9 804 incêndios/ano.
Em 2023, o número de incêndios foi o menor de sempre, 7 523.



SAIBA MAIS